

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

Rua São Valentim, 142 – Tel (21) 2273-4896 – Fax (21) 2273-5790
20260-110 - Rio de Janeiro - RJ

MENSAGEM MAURÍCIA / 2006

De autoria do Cruzado Gen Ex Darke Nunes de Figueiredo, Presidente do Núcleo de Brasília da Cruzada dos Militares Espíritas .

Estimados Irmãs e Irmãos integrantes da Cruzada dos Militares Espíritas

Por mais uma vez, a Cruzada dos Militares Espíritas presta, na marcante data da dizimação da Legião Tebana, uma justa e agradecida homenagem aos nossos precursores, incentivadores e motivadores – os Legionários de Maurício, Exupério e Cândido – procurando marcar e manter vivos, hoje, de forma indelével, no plano terrestre, os exemplos desse punhado de soldados, que disciplinados por formação, heróis por dedicação e cristãos por princípio exercitaram, com tanta grandeza e desprendimento, o postulado maior do Mestre.

Suas origens confundem-se com a própria história do Cristianismo e embora mais de dezessete séculos tenham se passado, ainda ecoam no mundo cristão os feitos desses guerreiros do Cristo que tanto ensinaram e ensinam a todos nós.

Originária do alto Rio Nilo, em TEBAS, daí seu nome, nossa Legião era formada por homens-soldados de origem simples, humildes e leais, espiritualizados por natureza e já praticantes do primitivo e verdadeiro cristianismo, puros e virgens dos fantasiosos atavios que a hipocrisia humana, ainda hoje, insiste em tentar inserir nos ensinamentos de JESUS.

Esse alicerce firme e seguro, aliado a um acendrado sentido de cumprimento de missão, ensejou que o próprio Cesar – Diocleciano –determinasse seu deslocamento e estacionamento em Jerusalém, permitindo inferir que a proximidade dos lugares sagrados fortaleceu, ainda mais, a já inconteste e sólida Fé em Jesus.

Vivia-se o último quinto do Século III da Era Cristã, tempos marcados por agitações de toda ordem, pondo em sério risco a unidade do todo poderoso Império Romano.

As ameaças externas e as convulsões internas levaram Cesar a dividi-lo com seu amigo e companheiro de armas – MAXIMINIANO - homem místico e de reconhecida

crueldade, a quem coube a defesa da parte ocidental do território romano, com sede em MILÃO.

Dentre inúmeras outras, Roma temia a atuação dos Gauleses, habitantes da Gália Transalpina, atual França, ressentida, ainda, pela conquista de seu território por JULIO CESAR há quase 300 anos e potencializada com o recente assassinato do Rei de uma de suas etnias – os Bagaudos.

Havia, destarte, a necessidade de se compor um exército poderoso, adestrado, experiente e leal ao Império, para fazer face a essa importante ameaça. Assim, surge como uma luva para atuação nesse conturbado cenário a já reconhecidamente famosa por seus feitos, LEGIÃO TEBANA.

Parte, então, de Jerusalém para as terras conflitadas, as planícies de Martigny, Helvécia, atual Suíça, após um deslocamento de mais de 3.000 Km, a primeira tropa romano-cristã que se tem notícia, onde todos seus integrantes, eram convictos e praticantes dos ensinamentos do Mestre Jesus.

Logo após chegar a seu destino, apresentou-se ao bravo Maurício e seus tebanos o dilema ingente que tão heroicamente souberam enfrentar. Maximiniano, supersticioso como bom romano, quis que todo o exército fizesse um solene sacrifício, aos deuses, a fim de que estes lhe concedessem a vitória.

Recebida a ordem, em um misto de surpresa e descontentamento, fez o comandante Maurício afastar a sua unidade das demais, estabelecendo novo acampamento a margem do rio Ródano, entre os rochedos de Agauno.

Ao ter ciência do ocorrido e de sua causa, o amor incondicional ao Cristo, Maximiniano encheu-se de indignação, exasperado pelo temor de que uma dissidência dessa natureza viesse atrair a cólera dos deuses, sobre as armas de Roma.

Logo chegou aos tebanos o mensageiro imperial, com a intimação de que, se obstinassem no rebelde procedimento, seria dizimada a legião, isto é, morto por sorteio, um em cada dez de seus homens.

Recebendo a ameaça, Maurício reuniu seus guerreiros e expôs-lhes a situação, para que optassem: ou a preservação da vida terrena a troco da adoração de falsas divindades, ou a morte do corpo pela fidelidade a Jesus.

A resposta foi unânime; eram soldados romanos, mas eram cristãos acima de tudo; manter-se-iam disciplinadamente fiéis a Augusto, pelo dever militar, mas a Deus em tudo mais.

Tomada a sublime e unânime resolução, aguardaram com serenidade apostólica o lúgubre sorteio e, em pouco tempo, os primeiros bravos regariam com seu sangue generoso aquele solo estranho, tão distante da pátria.

Maximiniano, ao saber da firme resolução com que haviam preferido submeter-se ao morticínio os soldados de Cristo, ordenou enfurecido uma segunda dizimação..... e o triste vaticínio repetiu-se até o último legionário e no dizer de pesquisadores “os sobreviventes, em briosa formatura, esperavam placidamente a sua vez”.

A eles, nossa eterna gratidão pelos exemplos de coragem moral, fé raciocinada e desprendimento material.

Cabe, agora, a nós, seus atuais seguidores, afastar os “maximinianos” que em nós existem, alimentados por nosso egoísmo, nosso orgulho e nossa visão ainda míope dos valores e princípios semeados e exemplificados pelo Mestre Maior.

Valhamo-nos da saga de luz e esplendor vivenciados pelos mártires de Agauno, espelhemo-nos nas virtudes ali semeadas no terreno fértil da fé, para conduzir nossas existências terrenas.

Miremo-nos nos edificantes exemplos de estoicismo, dedicação, disciplina consciente e amor a Jesus para pautar nossas vidas e ajudar nossos irmãos de jornada a vivenciarem sua passagem no Mundo da matéria.

E, com os nossos corações plenos de gratidão e respeito, parodiemos Francisco de Assis pedindo a Ele que a semelhança de nossos irmãos legionários faça sempre de todos nós instrumentos da Sua paz.

Que a Luz suave e doce do Senhor dos Mundos continue a iluminar o caminho de nossa Cruzada, na certeza que os nossos queridos e sempre reverenciados legionários podem contar conosco na divulgação e exemplificação da boa-nova.